

Entrevista 13

Entrevistado 1: ha-ha-ha

Entrevistador 1: ah, mas a senhora é daqui, então, né...como é que chama o marido da senhora?

Entrevistado 1: Marcelino Hossan (conferir 00:11)

Entrevistador 1: A senhora é pomerana?

Entrevistado 1: Isso.

Entrevistador 1: E ele?

Entrevistado 1: Também.

Entrevistador 1: O sobrenome de solteiro da senhora.

Entrevistado 1: Leimhe.. e tem um problemão...(inint 00:37) e na certidão era Leimhe, por causa de um m, n eu precisei ir lá (inint 00:48) pra corrigir...

Entrevistador 1: aí a Dona Elza, então a senhora é lá de Rio das Pedras... como é que chama os pais da senhora?

Entrevistado 1: Henrique Leimhe e Auguste (inint 01:04) mas os dois já é falecido já. Henrique e Auguste Qürst Leimhe.

Entrevistador 1: A gente conheceu a Luana... ela vai casar agora... lá de Barras Jatiboca... eh... Luana (inint 01:29) Qürst... e são parente da mãe da senhora.

Entrevistado 1: Pode ser, né... porque os que imigraram de lá pra cá eram uma família só, né... um nome só...

Entrevistador 1: e quem que veio? aí a senhora sabe falar? foi os avós dos pais da senhora que vieram lá da Pomerânia?

Entrevistado 1: minha bisavó veio mesmo de lá né, de Alemanha... ela sempre contava como é que chegaram e tudo, né... que que eles passaram e tudo na viagem...

Entrevistado 1: que que ela contava? conta pra gente

Entrevistado 1: ah, contava que eles vinha era com navio e naquele viagem morreram criança, né... eles precisava jogar no mar pra... pras peste não derrubar o navio (acha graça)... era muito perigoso, então era uma tristeza muito grande...a gente jogar um filho no mar... deus me livre... e meu avô, ele contava sempre que ele chegou lá, onde nós morava... ele que abriu o (inint 02:56) ele chegou e foi morar no meio do mato lá... aí ele fez uma barracazinha de folha de coco e aí ele começou a derrubar a mata, aí ele começou a plantar o pé de café... ele procurava as muda no meio do mato... aí ele rancava e plantava pra começar... aí limpava um pedaço lá e... ele começou a vida.

Entrevistador 1: até a primeira saca vivia de que?

Entrevistado 1: ah... matava os bicho e peixe... e plantavam os milho, né... que eles trouxeram milho... nem deixava madurar o milho bem... quebrava e jogava dentro do forno pra secar pra ter pão... ele sempre fala como que é fácil hoje em dia, né... gente como que é fácil! naquele tempo era muito difícil... aí eles fizeram os moinho, né, de pedra pra moer aquele milho pra fazer um pão... assim ele sempre contava, ele começou a vida dele... aí foi indo,né, trabalhando e limpando cada vez mais...

Entrevistador 1: mas como é que chamava o avô da senhora?

Entrevistado 1: Alberto Leimhe... era meu avô, onde eu cresci junto, né, era pai do meu pai...

Entrevistador 1: e o nome da bisavó da senhora?

Entrevistado 1: Guillemine (inint 04:44) Qüerst

Entrevistador 1: peraí como é que escreve?

Entrevistado 1: nem sei como que escreve aquilo (acha graça)... eu tenho até um livro pomerano aí...

Entrevistador 1: não, deixa que depois a gente tem as listas dos nomes... aí eu posso consertar a minha inabilidade com a grafia...

Entrevistado 1: aí dá pra achar as coisas...

Entrevistador 1: é... mas Dona Elza, então, como é que a senhora conheceu o marido da senhora?

Entrevistado 1: veio num casamento... aí conheci ha-ha-ha-ha

Entrevistador 1: aquela festa de três dias, assim?

Entrevistado 1: três dias... quinta, sexta e sábado

Entrevistador 1: a senhora casou assim também?

Entrevistado 1: casei.

Entrevistador 1: mas a senhora vestiu branco ou preto?

Entrevistado 1: branco... já casava de branco... trinta anos atrás já era branco já...

Entrevistador 1: Então a senhora conheceu ele num casamento. E o casamento foi aqui?

Entrevistado 1: Não, foi lá (acha graça)

Entrevistador 1: Ele que foi lá... daqui quantas famílias ele levou pro casamento?

Entrevistado 1: até que ele não levou muita... porque ele não era bem de vida he-he-he... meu pai, então, ele tinha mais condições... nosso casamento era 120 famílias, eles convidaram... mas aqui não era igual hoje... eles festejavam mais... hoje em dia o povo é muito desanimado...

Entrevistador 1: mas ainda faz casamento de três dias?

Entrevistado 1: Não. Agora é só sábado...

Entrevistador 1: não tem nem os pés de galinha no dia anterior?

Entrevistado 1: Tem ainda em alguns lugares...

Entrevistador 1: aqui na comunidade tem?

Entrevistado 1: não, não tem mais

Entrevistador 1: então vai pra igreja e depois faz um almoço ou um jantar...

Entrevistado 1: sim... e aí cabou, né... meu casamento era assim ainda... tinha na quinta-feira, trabalhava o dia inteiro... tinha as mulher que matava as galinha, hoje já não tem mais...

Entrevistador 1: e aí o pai da senhora que comprou as galinhas ou cada um trazia?

Entrevistado 1: cada um trazia... trazia manteiga, trazia... galinha, aí fazia o pão naquele dia... aquele povo tudo animado, fazia (inint 07:28), de tarde o forró... tem até aquele oração que um faz, então pros noivos...

Entrevistador 1: como que é a oração a senhora sabe?

Entrevistado 1: eu tenho uma folha lá... mas agora não sei onde tá aquilo lá... ele era muito bonito... até guardei ele sempre... mas já pegaram emprestado e nem sei onde botei aquilo... era em alemão não era pomerano...

Entrevistador 1: e aí era a oração do quebra louça ou?

Entrevistado 1: do quebra louça.. ...

Entrevistador 1: e quem que fez a oração no casamento da senhora?

Entrevistado 1: meus amigo lá que tinha lá...

Entrevistador 1: e a senhora fez a dança depois de varrer?

Entrevistado 1: fiz... no meio daqueles caco tudo.

Entrevistador 1: e aí era caco e também flor?

Entrevistado 1: sim, mas as flor era na sexta, então... quando acabou a dança dos noivo

Entrevistador 1: no quebra louça então era só a louça que varre...

Entrevistado 1: aí eles tem aquele negócio assim... não podia ficar nem um pedaço pra trás né... tinha que juntar tudo

Entrevistador 1: com dois tempo a senhora conseguiu juntar?

Entrevistado 1: sim... aí as noiva mesmo e varrendo... juntava...

Entrevistador 1: muito legal... é divertido?

Entrevistado 1: he-he-he é muito!

Entrevistador 1: ha-ha-ha.... e no casamento da senhora teve o mastro com a bandeira também?

Entrevistado 1: Tinha... (inint 09:24) aí tinha bandeira... tinha... o cara que convidou os pessoal...

Entrevistador 1: era o irmão da senhora ou não?

Entrevistado 1: aí ele fazia uma oração dentro da casa

Entrevistador 1: a senhora sabe a oração?

Entrevistado 1: eu sei assim... uns pedaço, mas inteiro eu não sei não...

Entrevistador 1: fala pra gente

Entrevistado 1: ces não...

Entrevistador 1: a gente não vai rir...a gente não vai entender nada mesmo! ha-ha-ha

Entrevistado 1: (inint 09:59 – 10: 09) aí ele falava né... ele era assim... jovem ainda... falava pra convidar... pra arrumar bem

Entrevistador 1: pra ir arrumado... que mais?

Entrevistado 1: ir bem vestido, pra festejar o casamento...era muito legal... ele rodava dentro da sala... aí ele falava que não tinha muito tempo pra ficar porque ele precisa ir (inint 10:42) aí eles dava dinheiro... mas ele chamava todo mundo pra vir e ouvir...a família antes que ele chegava já gritava, fazia 'uuuuu' aí já tava de olho né... aí chamava

todo mundo e aí quando tava todo mundo na sala, aí abria a porta primeiro... pra ele fazer aquele convite, né...

Entrevistador 1: circulando na sala?

Entrevistado 1: é... ele rodava e depois ele... cumprimentava e depois ia embora... aí cedava um dinheiro pra ele ainda...

Entrevistador 1: e tomava cachaça ainda também?

Entrevistado 1: cachaça, sim, junto...

Entrevistador 1: mas aí só os homens da casa que tomavam e as mulheres?

Entrevistado 1: naquele tempo eram só os homens que tomavam, né?

Entrevistador 1: e o paletó enfeitado de lenço?

Entrevistado 1: (inint 11:41) uma fita no chapéu... era de cavalo né... ficava tudo enfeitado...

Entrevistador 1: o irmão da senhora ia à cavalo?

Entrevistado 1: era tudo assim com tranças e flores na cabeça... aquela coisa toda... à cavalo.

Entrevistador 1: era muito chique.

Entrevistado 1: (acha graça)

Entrevistador 1: Garrafa também enfeitada...

Entrevistado 1: garrafa também

Entrevistador 1: e hoje não tem mais isso?

Entrevistado 1: quando meu filho casou ano passado... eles mesmo convidaram né... a garrafa foi também junto enfeitada (acha graça)

Entrevistador 1: ah! a garrafa foi!

Entrevistado 1: he-he-he

Entrevistador 1: não tinha os lenços mais?

Entrevistado 1: não porque os noivos mesmo convidaram né

Entrevistador 1: e quando ele saiu ele levou quantas garrafas?

Entrevistado 1: ah ele levava um... um tubo de cachaça e quando acabava ele enchia de novo, né... aquela garrafinha...

Entrevistador 1: de refrigerante?

Entrevistado 1: é...

Entrevistado 2: oi

Entrevistador 1 e 2: olá, boa tarde! (inint 12:52)

Entrevistado 1: como é que foi nosso casamento, eu falei pra eles... quinta, sexta e sábado

Entrevistador 1: (inint 13:04) Nós perguntamos ao quem que a gente podia conversar que explicasse melhor de como era antigamente dos pomeranos. Aí ele mandou vir aqui na casa do senhor... ..

Entrevistador 2: aí nós tamo aqui perguntando como é que foi o casamento...

Entrevistado 2: ela já explicando já tá bom né...

TODOS: ha-ha-ha

Entrevistador 1: tá certo...

Entrevistado 1: eu falei (inint 13:40) igual minha bisavó... do jeito que ela veio... então a gente perdeu muito... era pra sentar e conversar direito, né... ela contava muito coisa, mas a gente não dava valor naquele tempo, né... vai perdendo e vai indo...

Entrevistador 1: ela contava o que que se comia lá na Pomerânia?

Entrevistado 1: É só pão, que eles fazem aí, né, aquele brote, que eles fala...

Entrevistador 1: e a senhora não faz brote mais não?... ..

Entrevistado 1: de vez em quando eu faço... .. comprei um forno à gás, então aquele lá não é tão bom igual ao forno de barro, à lenha... mas nossa família em casa foi criada assim... nós tinha um forno e.nor.me lá cabia 12 brote dentro e nós era em 10 filho, imagina... aí fazia aquele forno cheio... 12, 13...

Entrevistado 2: ha-ha-ha... quando é num dia acabava tudo...

Entrevistado 1: quando é no sábado, na quarta feira precisava fazer de novo!

Entrevistado 2: ha-ha-ha

Entrevistado 1: e não dava janta igual hoje em dia... de tarde dava ovo frito ou banana frita com brote... não era igual aquele de...

Entrevistador 1: arroz, feijão...

Entrevistado 1: é, salada que precisa fazer, né...

Entrevistador 1: e o brote era feito mais com que?

Entrevistado 1: com fubá de milho

Entrevistador 1: banana?

Entrevistado 1: ia... e batata doce ia no meio... aquele fermento era caseiro... não era aquele fermento que a gente usa hoje em dia...

Entrevistador 1: como que era o fermento?

Entrevistado 1: eu fazia sozinha, né... sempre tirava um pouco da massa e guardava, né... e botava um pano por cima... aí depois renovava de novo... pegava um canto e um canto fechava de novo... aí deixava crescer até um dia no outro e aí fazia pão...

Entrevistador 1: e por acaso se perdesse esse fermento, como é que começava de novo?

Entrevistado 1: aí fazia uma massa assim de fubá... aí botava no brote e deixava azedar... aí fazia de novo...

Entrevistador 1: aí com três, quatro dias tava pronta de novo?

Entrevistado 1: tava pronta...

Entrevistador 2: colocava fubá com o quê?

Entrevistado 1: fubá com água... aí deixava né...

Entrevistador 1: então só fubá e água e deixava azedar?

Entrevistado 1: e deixava azedar... e depois tirava um tanto e aí jogava mais fubá e fazia aquele coisa... aumentava...

Entrevistador 1: e isso ficava lá na dispensa...

Entrevistado 1: ficava

Entrevistador 1: não podia ficar no, no

Entrevistado 1: na geladeira

Entrevistador 1: céu aberto?

Entrevistado 1: sim...geladeira não tinha na época (acha graça)

Entrevistador 1: mas aí tinha que ser mais escurinho ou não? podia ficar em qualquer lugar?

Entrevistado 1: Não... ficava dentro de casa

Entrevistador 1: dentro de casa com o pano?

Entrevistado 1: tampado com o pano... molhava o pano e botava por cima, né, pra não entrar nada...

Entrevistador 1: e o que mais se comia?

Entrevistado 1: aí pra almoço... a maioria era só pão e pro almoço dava aquele arroz, feijão e carne de porco ha-ha-ha

Entrevistador 1: que delícia... aí vocês mesmo plantava o arroz?

Entrevistado 1: plantava tudo... colhia...

Entrevistador 1: quantos sacos devia dar?

Entrevistado 1: ah, nem sei quantos sacos que dava, mas dava pra gente se virar...

Entrevistador 1: o ano interinho?

Entrevistado 1: o ano interinho.

Entrevistador 1: quando a senhora chegou de lá, veio pra cá, a senhora percebeu que foi diferente, como que era isso? como é que era a família do marido da senhora? como é que eles faziam aqui?

Entrevistado 1: ali era diferente... porque não tinha mais aquele... nós tinha vaca, leite, manteiga, né, aqui não tinha isso... nós era muito... assim... pomerano mesmo... esse aqui já era mais mudado, né...

Entrevistador 1: então eles tinham porco, tinham galinha, mas não tinham tanto... vaca, né?

Entrevistado 1: Nós tinha... e aqui eles não tinha tanto...

Entrevistador 1: e tinha o que? quando a senhora chegou o que que a senhora percebeu?

Entrevistado 1: tinha só (inint 18:32) ha-ha-ha e um porco... (inint 18:36)

Entrevistador 1: eles comiam brote?

Entrevistado 1: não comia... mas ela fazia... só de trigo já...

Entrevistado 2: (inint 18:49)

Entrevistado 1: vez em conta, né, mas era muito raro... mas lá em casa era então sempre, né...

Entrevistador 1: e tinha bolo?

Entrevistado 1: bolo tinha também que eu tinha em casa, mas aquela coisa, né, não era nada de doce... simplesinho né... e pão de trigo dava só pra quando tinha uma festa, assim... natal, páscoa...

Entrevistador 1: aqui não... aqui já era sempre, assim?

Entrevistado 1: sempre

Entrevistador 1: e tinha mandioca cozida? ou mandioca cozida era só pros porco?

Entrevistado 2: ha-ha-ha

Entrevistado 1: só pros porco ha-ha-ha...

Entrevistador 1: ha-ha-ha

Entrevistado 1: domingo dava esse... aipim e galinha e matava galinha e tinha aquele sopa, assim, de arroz

Entrevistado 2: (inint 19:49)

Entrevistador 1: oi?

Entrevistado 1: taioba

Entrevistador 1: ah, taioba... não posso comer aquilo não... descobri que eu tenho alergia desse troço... mas então não acha mais taioba aqui, então não?

Entrevistado 1: aqui não, mas lá na casa do meu pai tem, né...

Entrevistador 1: mas aí batata doce cozida... banana cozida...

Entrevistado 1: é, banana cozida dava assim com pão, né...de manhã ou de tarde

Entrevistado 2: (inint 20:32) banana dentro de pão

Entrevistador 1: é bom demais...

Entrevistado 1: aí no brote passava também aquele banha de porco... no lugar

Entrevistador 1: com a puca?

Entrevistado 1: é... he-he-he no lugar da margarina e manteiga...

Entrevistador 1: ruim demais, nossa senhora! (inint 20:54) tava todo mundo morto! ha-ha-ha

Entrevistado 1: eu não sei... (inint 20:59) e antigamente ficava velha, né... porque minha bisavó... ela tem 90 anos...

Entrevistador 2: (inint 21:28) pior do que a banha...

Entrevistador 1: tirava, esquentava...?

Entrevistado 1: tirava, esquentava, pronto.

Entrevistador 1: aquele banha já ia pra uma outra vasilha pra fazer o almoço

Entrevistado 1: sim

Entrevistado 2: eles chama carne de lata... aquelas carne de lata...

Entrevistador 1: passa muito? e era com sal ou não?

Entrevistado 2: jogava o sal inteiro, né

Entrevistado 1: açúcar ou sal...

Entrevistado 2: é, tem gente que joga, né... açúcar eu não jogava não...

Entrevistado 1: se fosse hoje em dia, meus menino eu acho que não comia nada não.

Entrevistador 1: eles já nem comem mais doce com banha?

Entrevistado 1: não... não come não.

Entrevistado 2: meu caçula aí não come carne seca, não come (inint 22:22)

Entrevistado 1: (inint 22:25) isso é pura banha e não sei que...

Entrevistado 2: (inint 22:30) no meio da banha do feijão

Entrevistado 1: ha-ha-ha

Entrevistado 2: nem o feijão ele num come.

Entrevistador 1: oh!

Entrevistado 2: banha no meio do feijão é uma delícia

Entrevistado 1: e naquele tempo era assim, né...

Entrevistador 1: mas aí então, verdura pelo menos ele come?

Entrevistado 1: come

Entrevistado 2: come dois três ovo... só fritar ovo pra ele.. sobra mais carne seca pra nós, né...

TODOS: ha-ha-ha

Entrevistador 1: mas o pomerano ces falam em casa? ou não fala mais?

Entrevistado 1: nós sim, quando nós tamo junto...

Entrevistador 1: ah, os filhos não falam mais...

Entrevistado 1: ele entende, mas não fala...

Entrevistado 2: fala tudo... meio atravessado...

Entrevistado 1: deve ser igual a gente falar em brasileiro...

Entrevistador 1: ah, não! sai sim... fala bem...

Entrevistado 1: (acha graça) quando eu vim pra cá eu não sabia falar muito brasileiro não...

Entrevistado 2: nem bom dia, nem nada... é eu que fui professor

Entrevistado 1: professor não... aí precisei me virar sozinha...

Entrevistado 2: ha-ha-ha

Entrevistador 1: e a senhora já tinha mais de 20?

Entrevistado 1: vinte e um.

Entrevistador 1: Então com 21 anos a senhora aprendeu a falar português?

Entrevistado 1: 31 anos... moro aqui já há 31 anos...

Entrevistador 1: 31 anos que aprendeu o português... mas na escola, então, como é que a senhora fez?

Entrevistado 1: mas nossa escola... uma vez nós tinha na semana... aí já num tinha dois, três semana... eu estudei até o segundo ano...

Entrevistado 2: segunda série

Entrevistado 1: segundo ano, não era série... falava ano

Entrevistador 1: mas aí era o pastor que ensinava ou...?

Entrevistado 1: não... vinha uma professora, mas ele era meio

Entrevistado 2: de (inint 24:36), né?

Entrevistado 1: não, de Vitória

Entrevistador 1: mas aí não se preocupava muito..

Entrevistado 1: não... só dormia dentro de sala...

Entrevistador 1: o professor ?

Entrevistado 1: o professor dormia e nós brincando...

Entrevistador 1: que absurdo! que professor mais sem vergonha

TODOS: ha-ha-ha

Entrevistado 1: e nós brincava... porque aí... podia brincar... nós até fizemo casinha na escola pra brincar... a gente gosta de brincar de casinha, né... as mulher principalmente... aí nós tinha feito nossa casinha... aí dava tempo pra brincar à vontade lá... e não

aprendia nada... praticamente não aprendemo nada... eu aprendi muito assim, negócio de igreja, né... de catecismo.

Entrevistador 1: mas em alemão?

Entrevistado 1: aí lá era rígido... era um da comunidade mesmo... uma pessoa assim que era mais cabeça, né, aí lá precisava saber tudo de cor e um sábado até outro, ce precisava

Entrevistador 1: mas aí era alemão ou era em pomerano?

Entrevistado 1: aí já era em alemão... pomerano nós não aprendemo assim não... os mandamento, antigo, precisava saber tudo de cor...

Entrevistador 1: isso pra fazer a confirmação?

Entrevistado 1: é... pra fazer a confirmação...não era igual hoje, vai lá lê um pouco e aprende um pouquinho... pai-nosso, tem uns que nem sabe pai-nosso direito, pra falar a verdade, né... naquele tempo precisava saber tudo de cor se não apanhava lá... a professora era brava

Entrevistador 1: mas quando a senhora chegou o pessoal falava pomerano ou pouca gente?

Entrevistado 1: Aqui?

Entrevistador 1: É.

Entrevistado 1: Falava... fala hoje em dia muito ainda...

Entrevistador 1: ainda tem muita gente que não sabe português?

Entrevistado 1: tem... por aqui tem... aqui embaixo tem uma mulher que não sabe falar brasileiro... tem que sempre um junto, né?

Entrevistador 1: Ela é idosa?

Entrevistado 1: Ela é velha... ela já é aposentada já... ela não aprendeu não...

Entrevistador 1: o senhor já aprendeu português na escola?

Entrevistado 2: (inint 27:32)

Entrevistado 1: porque aqui era mais assim... desenvolvido né... nossa região lá era mais atrasada... até hoje, assim, ce vai lá e ouve as pequena tudo falar em pomerano ainda... eu tenho um netinha... que meu filho é pasto luterano... então eu sempre fala com ele umas palavra... ela tem cinco anos... mas ela acha graça... vai fazer o que com isso? ha-ha-ha

Entrevistador 1: ha-ha-ha

Entrevistado 1: queria que ela aprendesse um pouco, né...

Entrevistador 1: seria interessante... e ela mora onde?

Entrevistado 1: São Sebastião, Santa Maria pra lá...

Entrevistador 1: é muito importante ensinar...

Entrevistado 2: só que ela já conversa bastante... porque ela vai no prezinho lá... tudo alemãozinho, né... se você conversar com ela em alemão...

Entrevistador 1: ah ta...

Entrevistado 1: umas palavra ela já sabe

Entrevistador 1: mas aí ela fala o alemão não fala pomerano?

Entrevistado 1: pomerano

Entrevistador 1: ah, é pomerano mesmo...

Entrevistado 1: aí ela tava aqui domingo e ela queria que eu fritasse bolinho pra ela... ela é muito fresca de comer né...domingo de tarde... aí eu falei 'não, eu não vou fritar hoje não ce já jantou... você ta sem fome'... aí hoje de manhã eu fritei, aí eu deixei queimar... aí ela falou em pomerano (inint 29:19) ha-ha-ha

Entrevistador 1: e aí o que é isso? significa o que?

Entrevistado 1: que você deixou queimar... mas ela falou direitinho...eu falei que acho um pouco ela vai aprender...

Entrevistador 1: ah que bom, é importante que ela aprenda... porque se não vai perdendo...

Entrevistado 1: vai perdendo... nós tem um pastor... conhece? Edgar (inint 29:46) lá em Jequitibá...

Entrevistador 1: ah o pastor Vivaldo falou dele mesmo, a gente tá querendo ir lá conversar com ele...

Entrevistado 1: porque ele era muito... ele falava sempre com nós... 'não pode perder esse língua que a mãe de vocês ensinou'... 'tem que levar' ele sempre falava...

Entrevistado 2: (inint 30:08)

Entrevistado 1: mas lá assim... ele é bem...

Entrevistado 2: (inint 30:29)

Entrevistador 1: pois é, nós tamo querendo ir lá sim... pasto Vivaldo falou dele... o seu Edgar e o Marcos... vai complemetando o trabalho, né... quanto mais a gente conversar melhor...

Entrevistado 1: ele sabe muito mais... quando eles casaram com roupa preta...

Entrevistador 1: a senhora já viu alguma roupa preta guardada?

Entrevistado 1: já, minha vó tinha... porque ela casou de preto.

Entrevistador 1: e por que que ela casou de preto?

Entrevistado 1: era o costume, né...

Entrevistado 2: era moda né...

Entrevistado 1: aí eles tinha aquela fita vermelha, ah, fita verde, né,

Entrevistador 1: na cintura?

Entrevistado 1: na cintura... eles falavam que era sorte, né...

Entrevistador 1: a fita verde era de sorte?

Entrevistado 1: e precisava ter aquele coisa na cabeça também era de ramas... verde, né

Entrevistador 1: de cipreste?

Entrevistado 1: cipreste verde... ..

Entrevistador 1: e o noivo tinha alguma coisa de diferente?

Entrevistado 1: tinha só aquela aliançazinha....aquele flor que tirava daquele coroa que a noiva tinha... lá eles tirava aqueles galhinho pra botar no noivo, no paletó dele...

Entrevistador 1: e o lenço ia no pescoço?

Entrevistado 1: não, o lenço ia dentro da bolsa do paletó... dobrada, assim, com aqueles ponta pra cima

Entrevistador 1: e que cor que era?

Entrevistado 1: era listrado muito...

Entrevistado 2: xadrez, né?

Entrevistado 1: xadrez é... .. hoje em dia nem tem isso mais... no nosso casamento tiraram a flor que ia no paletó dele (acha graça) e o meu negócio que ia na cabeça (acha graça)

Entrevistador 1: e na família da senhora são quantos irmãos?

Entrevistado 1: nós somo em 10.

Entrevistador 1: e todos casaram assim?

Entrevistado 1: não... casaram... igual eu casei assim...

Entrevistador 1: (inint 33:15)

Entrevistado 1: sim... todos eles...

Entrevistador 1: São quanto homens e quantas mulheres?

Entrevistado 1: tem cinco homem, o mais novo é falecido... e quatro mulheres.

Entrevistador 1: as quatro mulheres fizeram festa...

Entrevistado 1: e os cinco homem também

Entrevistador 1: e os cinco homem foram fazer na casa da noiva ou na casa do pai da senhora?

Entrevistado 1: uns fizeram na casa do meu pai também... uns fora também...

Entrevistado 2: (inint 33:44)

Entrevistado 1: mas todos... foi só um que foi em outro lugar...

Entrevistador 1: e todos com três dias de festa?

Entrevistado 1: três dias de festa, uai

Entrevistador 1: ô beleza, hein?!

TODOS: ha-ha-ha

Entrevistado 3: começa quinta-feira de tarde vai até sábado...

Entrevistado 2: quinta –feira de tarde vai lá chamar o pessoal pra comer pé de galinha, moela, fígado, coração...

Entrevistado 1: matava o boi

Entrevistado 2: matava o boi e aquela carne com osso dava na quinta feira de tarde...
(inint 34:18)

Entrevistado 1: todos eles foram matado boi na casa mesmo... e galinha e tudo

Entrevistador 1: e derrubava a garrafinha na bala também?

Entrevistado 1: não... esse num tem no nosso não...

Entrevistador 1: porque tinha o pau no lado de fora, então só tinha as bandeirinha... não tinha uma garrafa no alto?

Entrevistado 1: só... não, na nossa não tinha não... mas eu me lembro que quando eu fui nos outros casamento tinha... as garrafinha...

Entrevistador 1: no alto do pau?

Entrevistado 1: é... na bandeirinha

Entrevistado 2: marrava duas (inint 35:04)

Entrevistador 1: Ah ta... e tinha muito (inint 35:08)?

Entrevistado 1: tinha

Entrevistador 1: aí a família comprava, os vizinho também?

Entrevistado 1: não, só a família que comprava, né... mas também tinha o tocador, né, que ficava na porta, na entrada da festa, que tocava e tinha um prato lá também... com coroa de cipreste, né, aí chegava o convidado jogava dinheiro naquele prato... e ele lá tocando

Entrevistador 1: e ele tocando concertina?

Entrevistado 1: sim

Entrevistador 1: e tem algum tocador de concertina por aqui?

Entrevistado 1: por aqui assim não... mas Santa Teresa também tem... aqui na festa, nós teve uma festa na paróquia, aqui domingo retrasado... lá eles tocaram muito ainda... cantaram aquelas música antiga

Entrevistador 1: quantas concertinas apareceram?

Entrevistado 1: três né? um de Santa Teresa e um cara de (inint 36:12) sanfoneiro tinha...

Entrevistado 2: (inint 36:17)

Entrevistado 1: lá eles tem isso muito ainda...

Entrevistador 1: agora eu fiquei sabendo que tem uns menino que toca bem é trambone, aqui, né?

Entrevistado 1: é... aqui, pelo menos... he-he-he

Entrevistador 1: ha-ha-ha... os menino da senhora tem um grupo ou eles só tocam na igreja, como é que é?

Entrevistado 1: tem um grupo... eles tocam todas as músicas... folclore... tudo assim... na igreja... ah, eles tão muito envolvido naquilo lá...

Entrevistador 1: e quantos são?

Entrevistado 1: tinha um grupo bem grande, mas agora uns casaram... uns sumiram de novo...

Entrevistado 2: uns casaram outros enfiaram na droga e na cachaça e saiu...

Entrevistado 1: é e agora... mas meu filho tem um grupo novo....

Entrevistado 2: ele tá ensaiando

Entrevistado 1: um já mais tentado e outro tá aprendendo a tocar também já... não vai acabar se ficar firme...

Entrevistado 2: tinha uma época que era 14, 15, né...

Entrevistado 1: é aí tinha muito... mas agora...

Entrevistador 1: isso de ter 14,15 tem o que... uns 10 anos?

Entrevistado 1: não... tem dois ano atrás... um ano, né... por aí

Entrevistado 2: acabou né?

Entrevistado 1: é... saíram muito, sabe? nossa eles foram tocar lá em (inint 37:56) quando tinha aquelas festa pomerano lá...

Entrevistado 2: (inint 38:00) como que chama lá em?

Entrevistador 1: October

Entrevistado 1: é foram lá...

Entrevistador 1: aí foram os 14?

Entrevistado 1: foram...

Entrevistador 1: nossa. de ônibus? até chegar em Santa Catarina?

Entrevistado 1: foram

Entrevistado 2: (inint 38:20)

Entrevistador 1: mas aí não só de tocador?

Entrevistado 1: foram uns junto assim também... mas praticamente só foram aqueles trombonistas né...

Entrevistado 2: foram os acompanhante, né... tinha que acompanhar os de menor...

Entrevistador 1: então deu o que... uns 40,60 tocador?

Entrevistado 1: deu mais... porque tinha tudo... o pé Santa Maria e tudo... nós fala o pé, né... aquele as comunidade, as paróquia tudo junto... então eles alugaram os ônibus e foram tudo...

Entrevistado 2: quem pagou foi a prefeitura...

Entrevistado 1: é

Entrevistador 1: mas aí, quer dizer... que eles ensaiam mesmo é pra igreja?

Entrevistado 1: pra igreja e pra outra coisa...

Entrevistado 2: (inint 39:11)

Entrevistado 1: é... qualquer coisa... forró... ... aquela dança alemão eles têm, né... tem música também em tudo, né...

Entrevistador 1: ah ta... eles tocam pro pessoal dançar... pra grupo de dança?

Entrevistado 1: sim... grupo de dança também...

Entrevistador 1: e como é que chama o grupo?

Entrevistado 1: (inint 39:45)

Entrevistador 1: e como é que eu escrevo isso?

Entrevistado 1: uai, se vira... ha-ha-ha

Entrevistado 2: ha-ha-ha

Entrevistador 1: ha-ha-ha... então fala de novo pra mim

Entrevistado 1: eu vou (inint 40:00) aí ce vai ver... he-he-he [sai]

Entrevistador 1: ha-ha-ha

Entrevistado 2: (inint 40:33)

Entrevistador 1: não, eu sou de Vitória! Eu sou italiana...

Entrevistado 2: por isso que parece então

Entrevistador 2: e nós somos de Belo Horizonte... ele é meu pai... só que eu não pareço com ele não... pareço? ha-ha-ha

Entrevistado 2: (inint 41:12)

Entrevistado 1: [volta] agora você vai escrever...

Entrevistador 1: deixa eu ver... ah, é (inint 41:30)